

ANTÓNIO JACINTO BRANCO VASCONCELOS RAPOSO

Nascido em 1950, em Ponta Delgada.

Na Escola Naval recebe formação com instrução básica durante três meses, idêntica à dos outros oficiais da Reserva Naval que entram para a Marinha: após teste de aptidão física e psicológica, transferido para a Escola de Fuzileiros com período de instrução específica; os que chumbavam iam para fuzileiro naval (serviços de apoio logístico, etc), e os que passavam recebiam a boina preta no final da recruta e iam para fuzileiro especial.

Do seu grupo faziam parte 28 FZE; dois instrutores eram também açorianos.

Fez o curso na Escola de Fuzileiros de Vale de Zebro: comandante Fernando Pedrosa; chefe de instrução, tenente Hernâni Vidal de Resende (CG em Angola em 71); sargento José Alves Cardetas (CG em Moçambique em 1970); cabo Leonel Sequeira da Piedade (CG em Moçambique em 1969).

Havia o livro “Manuel do Guerrilheiro”, do tenente Francisco Soveral, onde se estudava Guevara, Fidel Castro, etc.

A preparação táctica da guerrilha era feita nos areais e matas de São Jacinto e na Serra da Arrábida.

O lema dos fuzos era “apanha à mão”:

– *«Isso de usar a táctica da quadrícula em Angola e Moçambique era tudo conversa. Lá ninguém fazia quadrículas nem nada, porque não havia condições para grandes tácticas nem grandes raciocínios. Eu fiz operações com os comandos, com os pára-quedistas e com a tropa normal, mas o próprio terreno impossibilitava outra coisa que não fosse andarmos atrás uns dos outros, uns cinco a dez metros, para evitar que uma rajada de metralhadora pudesse atingir três ou quatro pessoas. 20 homens ocupavam uma imensidão terrível e faziam um barulho enorme. Nós tínhamos tido uma actividade física dirigida para a resposta a ataques. Tínhamos bastante instrução de botes, gastávamos munições. Só me apercebi da qualidade da nossa preparação quando cheguei a Angola e contactei com os indivíduos do Exército normal, que não passavam de carne para canhão. Não tinham qualquer preparação e viam-se aflitos para actuar connosco. Eu actuava e fazia operações com 15-16 homens e até com 10-12, porque estávamos preparados e sabíamos actuar, jogar nas seguranças e fazer as retiradas. Como era dos últimos grupos a ter esta preparação, beneficiei da experiência de alguns oficiais que lá tinham estado e levaram aquilo muito a sério»¹.*

Em Mar 1973 segue para Angola com a patente de 2Tn FZE/RN (4º Oficial), comandante de um dos grupos de combate do DFE2.

Chegados a Luanda, o DFE2 ficou uma semana no quartel de Belas para aclimação. Depois seguiram ao Luso e de lá para o destacamento do Lungué-Bungo (DestMalungué).

Existia um destacamento no Chilombo (povoação comercial do posto de Lumbala, circunscricção do Alto Zambeze), e outro no Lungué-Bungo.

Cada destacamento tinha 80 homens: comandante, segundo-comandante ou imediato, dois oficiais, os sargentos, marinheiros e grumetes.

O comandante do DFE2 era o 1Tn José Luís Cardoso Gonçalves, do quadro da Marinha; o segundo-comandante era António Bento Martins Ferraz, oficial da Reserva Naval em segunda comissão (CG em Moçambique); os dois oficiais eram os 2Tn FZE/RN Vasconcelos Raposo e José Manuel Albuquerque de Alvaleide. Havia quatro grupos de combate com 20 efectivos (1 do Cmdt, 1 do 2Cmdt, 1 do 2Tn Alvaleide e 1 do 2Tn Raposo).

Cada grupo de combate era dividido em unidades, com um marinheiro e 2 ou três grumetes. No caso dos FZE, entre 80 homens metade já tinha experiência anterior de guerra: os Srg, Mar e Cb eram profissionais de guerra. Havia um oficial já com uma comissão, e sargentos com 3, 4 e 5 comissões. Em 1972 começou a haver dificuldade de encontrar sargentos para destacamentos de FZE.

No DFE2 os sargentos já estavam tão cansados que, a determinada altura, *«pedi ao comandante para eles deixarem de ir nas operações porque só atrapalhavam. Já tinham medo, já estavam ali apenas para ganhar dinheiro, porque ganhavam muito bem. Os cabos tinham a feito a primeira comissão como grumetes, a segunda como marinheiros e na terceira comissão eram cabos já com experiência de guerra. Com toda esta experiência, ao fim de quatro meses no leste já éramos um destacamento super operacional. Ora as primeiras informações que recebemos à nossa chegada, foi que estávamos em paz com a UNITA. O DFE2 estava na Rota Agostinho Neto, zona de grande movimentação da UNITA e por onde passava a rota de infiltração do MPLA, a poucos quilómetros da Zâmbia»*¹.

Chegam a ir de bote e entrar na Zâmbia, voltando rapidamente para trás; faziam o mesmo que os outros, mesmo sendo tropas de elite.

Eram chamados para situações quentes, mas também faziam muita coisa para nada, só a passear na mata. – *«Houve algumas coisas graves, mas a maior parte foram passeios na mata. Estávamos muito bem instalados. A Marinha sempre foi muito vaidosa»*¹.

Numa zona 100%, tinham jardins.

Muitas das mortes em África deram-se porque as pessoas não eram ocupadas. Viu unidades que se drogavam a 80% com liamba e não só, porque nada tinham para fazer. Eram os únicos fuzos na zona.

– *«O tenente Alberto Fernandes, da Companhia de Apoio e Logística, dava aulas de inglês, eu dava matemática: uns chegaram a fazer o 2º ano do liceu, outros o 5º ano, e alguns hoje são formados em Economia»*¹.

O EME no Luso comandava e atribuía as operações, o DFE2 estava integrado no CmdZML. Fizeram sozinhos 90% das operações, algumas com Cmds e PQs em conjunto, *«mas nunca corriam bem porque havia modos diferentes de actuar. Os fuzos levavam 20 homens, eles iam com 40 ou 50; os fuzos eram silenciosos, e eles faziam muito barulho; nós não deixávamos latas de conserva no chão para não deixarmos rastos, e eles deixavam restos de comida»*¹.

Em Abr-Mai73 o seu grupo de combate fez uma operação sozinho e foram o primeiro destacamento a descer o rio Luena. Fizeram duas vezes a descida com rio muito largo. Na primeira descida nada encontraram porque foi muito rápida, na altura das cheias; na segunda, mais vagarosa, encontram em zona 100% onde *«não podia haver população»*¹, um grupo de apoio ao MPLA na Rota Agostinho Neto:

– *«Os helis foram lá recolher essa gente, apanhada sem tiros, e depois os fuzos destruíram a base e apanharam alguns guerrilheiros. O acampamento era triangular»*¹.

O grupo de 12 fuzos aproximou-se a 50 metros em silêncio porque haviam detectado rodados de bicicleta, na dúvida se havia ou não guerrilheiros; a 20 metros correram para o acampamento *«e foi a primeira vez que eu senti a barriga colada às costas. Não houve tiros»*¹.

Depois passam um rio que fazia um vale, com uma só passagem. O cabo FZE Sequeira detectou o arame de uma armadilha que desmontou e seguiram até um alto onde descobriram o acampamento triangular dos turras: primeiro, três cubatas dispostas em triângulo e mais à frente o acampamento. Apanharam vinte e tal pessoas, mulheres, homens e crianças, e algumas poucas armas:

– *«Para não se tornassem suicidas, os fuzos deixavam no cerco aos acampamentos, uma saída do círculo de cerco»*¹.

Continuaram a descer o rio com os capturados e chegados ao Chilombo regressaram de Nordatlas para o Luso.

Andaram muito de heli, largados e recolhidos pelos “primos” sul-africanos que gostam de ficar no DFE2 a embebedar-se até às 5h da matina, depois tomavam uma dúzia de comprimidos e às 6h estavam prontos para outra. A maior parte das operações do DFE2 foi feita com helis e pilotos sul-africanos.

O Luso era a base de lançamento para algumas operações especiais, e os helis iam buscar os fuzos ao destacamento que estava muito isolado. No Luso só estava 1 oficial e 3 ou 4 marinheiros.

Meses depois, segunda descida do Luena, detectado grande acampamento do MPLA. Com 40 fuzos (3 a 4 homens por bote), o tenente Raposo e o 2º Cmdt António Ferraz, encontram base do MPLA com escolas, enfermaria. Os turras fugiram e os fuzos apanharam armas antigas enterradas no chão, livros da instrução primária, uma impressora manual.

Quatro horas depois da operação começar, ao descer o rio com tenente no 2º bote e Ferraz no 5º, após curva do rio ia um negro numa canoa a atravessar. Os fuzos mandaram-no parar, identificaram-no e o comandante da ZML mandou libertar o homem. O tenente disse-lhe: «Hoje é o seu dia de sorte. Nós somos os fuzileiros do Lungué-Bungo, e somos amigos de África»¹. O segundo-comandante ficou com aquilo na cabeça e passadas horas disse: «Vamos ligar outra vez para o Luso porque aquele gajo não é um gajo normal. Aquele corte de barba... Eu fui enganado!»¹.

Quando entraram em contacto, «andava o Exército à nossa procura: aquele era o chefe militar do MPLA na zona leste, procurado há muitos anos, responsável pela Rota Agostinho Neto. Isto caracterizava bem a nossa guerra, com os oficiais do quadro bem instalados no ar condicionado, sem nenhuma noção do que era o terreno. A barba do tipo era um cortezinho, fininho, aparado, que não era típico; tipo barba à Amílcar Cabral. Via-se que não era homem de mato. Mas já não voltámos para trás. Esta cena foi lembrada por membros do MPLA aos meus marinheiros, em 1974, quando eu na altura era responsável pela segurança do almirante Rosa Coutinho em Luanda. Eles diziam: “Vocês são aqueles que não matavam ninguém”. De tal modo que, um dia, tivemos um acidente porque pisámos uma mina, e a rádio do MPLA pediu desculpas aos amigos fuzileiros, o que a PIDE adorou. E disseram: “Vamos agarrá-los”. Mas felizmente veio o 25 de Abril»¹.

– «Em Mar73 não havia guerra com a UNITA, que era abastecida pelo Exército português. Depois chegou o general Barroso Hipólito, para substituir o general Bethencourt Rodrigues que tinha feito o pacto com a UNITA. Hipólito disse na rádio: “Não há pactos com os terroristas”. No dia seguinte, morreram alguns soldados portugueses que iam lá levar a ração de combate, abastecendo a UNITA para servir de tampão ao MPLA»¹.

O tenente chegou a «entregar canhangulos à UNITA»¹.

Havia outro grupo no leste, do Chipenda. A UNITA depois do rádio de Hipólito, atacou as nossas tropas «em sua defesa. Eu nunca tive contacto com ninguém do MPLA, com a UNITA sim. Quando acabou a paz com a UNITA, começou a guerra a sério. Um oficial dos comandos, o “testa de platina”, começou a andar ferozmente atrás do Savimbi, dizendo que não vinha embora sem matar o Savimbi. Eu não gostava muito do “testa de platina” porque ele era um assassino. Matava tudo, mulheres e crianças, tinha a máxima “tudo o que mexe é passarinho, por isso leva um tiro na cabeça”»¹.

O tenente Raposo afirma que o seu destacamento só matou homem ou mulher que estivesse armado, porque quando se aproximavam dessas populações percebiam perfeitamente quem era e quem não era guerrilheiro. Mas há histórias que não conta porque lhe pesam na consciência.

– «Houve um marinheiro que pisou uma mina e ficou sem pernas, e a seguir houve reacções, a revolta foi muito grande e ninguém se controlou»¹.

Passou verdadeiros dramas, os primeiros meses foram terríveis. Só mais tarde adquiriu algum sangue-frio e serenidade. Por exemplo, uma CCmds [2042] onde ia [Valdemiro Correia] um amigo seu de infância, dos Açores. Caiu numa emboscada:

– «Eram 40 e só três ou quatro ficaram inteiros. O resto ficou ferido havendo 9 [2] mortos. O DFE2 estava a meia-hora de heli e disseram-lhes: “Houve uma emboscada terrível com os comandos. Vocês vão atrás daquele grupo; um grupo enorme do MPLA, e aí não houve contemplos. Não houve população nem nada que nos detivesse. Houve um certo descontrole emocional ao ver aquela gente toda morta. É horrível ouvir os gritos de um

indivíduo com a barriga toda aberta, o cheiro da pólvora, o óleo queimado. Isto são tabus, mesmo lá não falávamos disto, porque não era comportamento de seres humanos. Nessas situações, talvez tenha vindo muito ao de cima toda aquela mentalização de tropa especial, de raiva. Mas isto não era o mesmo que alguns indivíduos fizeram, reunindo uma população inteira, com o pretexto de tirar uma fotografia, e pegando depois numa metralhadora, para matá-los. Ali não, havia muita emoção e resposta imediata. Era uma selvajaria, homens com a cabeça espetada em paus. Da parte deles, o que fizeram aos portugueses foi terrível, porque não era simplesmente matar, era preciso também deixar marcas. De resto, só havia escaramuças, e alguns feridos. Em operações conjuntas com pára-quedistas e comandos, eles iam para um lado, nós para outro. Não havia coordenação entre fuzos e comandos, os rádios não funcionavam bem, falhavam, o material de comunicações era uma porcaria. A não sei quantos quilómetros do lado direito estavam os páras, e do lado esquerdo a uns quilómetros estavam os comandos; os fuzos estavam no meio. Ao aproximarmo-nos do objectivo, íamo-nos encontrar todos. Então fizemos barulho e retirámos. O nosso receio era começar aos tiros uns aos outros a pensar que era o inimigo. Nunca mais alinhámos, passámos a actuar sozinhos. Distintos políticos e feitores de história da guerra acusaram-nos de termos deixado de ser os fuzileiros para passarmos a ser os “fujileiros”, por termos retirado. Eram os distintos homens da esquerda, da revolução, ou que se apropriaram disso, e que se esqueceram de certas coisas. Antes de 25 de Abril, a minha unidade foi visitada por um comissário político do MPLA, o António Veríssimo Pacavira, que tinha estado preso e tinha sido torturado pela PIDE, e que morreu depois do 25 de Abril por causa das torturas que a PIDE lhe tinha feito no campo de concentração de São Nicolau, no sul de Angola. Espetaram-lhe ferros quentes pelo nariz acima e apanhou uma infecção monstruosa que depois de tornou cancerígena. Nós tínhamos conversas com esse camarada no leste antes do 25 de Abril: ele ia lá, entrava na nossa unidade, conversava connosco. Com a UNITA já não era assim, éramos mesmo inimigos da UNITA. Quando me vim embora do Lungué-Bungo para Luanda, os da UNITA não deviam ser mais de 400 homens. Eram um movimento muito artificial e sem qualquer convicção. A PIDE tinha uma eficácia enorme nos seus métodos, contando com um grupo de combate, os Flechas. Fiz operações com os Flechas. Eram operações completamente diferentes porque eles tinham modos de actuar perfeitamente anárquicos. Mas eu gostava, porque eles eram guerrilheiros, sabiam onde é que o inimigo estava. Nós sabíamos que a UNITA passava por ali, porque eles nos diziam: “Ontem estiveram cá dois guerrilheiros da UNITA”. No final de 73 a guerra praticamente não existia. Quando eu fui para lá, ainda havia guerra porque era o fim do pacto com a UNITA, que tinha entrado em pânico e feito muitas asneiras, assassinando muita gente. Mas na altura era difícil distinguir se eram da UNITA ou do MPLA: usavam os mesmos camuflados, as mesmas armas, as mesmas munições, as mesmas razões de combate, umas escritas em chinês outras em russo, mas não se sabia quem era quem. Eu, como aluno do ISEF, contactei muito com militantes do PC, antes do 25 de Abril, colegas de estudo e amigos que eram militantes activos. Tinha mesmo alguns livros que serviram de formação ideológica do pessoal. Depois havia as prostitutas brancas, que iam para lá como uma organização ao leste fazer a comissão. Proibi a entrada de prostitutas no meu quartel. Chegavam aos quartéis e tentavam conquistar os oficiais, só que tinha a minha mulher comigo na guerra. Lembro-me de ter proibido uma prostituta, a que chamávamos “Sofia”, de entrar na unidade. Ela foi para uma tasca e enquanto não a corri dali só apareciam marinheiros com sífilis. Aquilo era um sítio de muita agitação porque havia duas mulheres e sessenta homens, que estavam desvairados. Assisti à cena mais degradante da minha vida num grupo do Exército, isolado, onde eu e o Ferraz fomos lançados para uma operação. Esses homens, que estavam a viver ali uma situação de perigo, que eram constantemente bombardeados, tinham uma lata pendurada para onde se masturbavam e faziam apostas. Os marinheiros tinham outra postura, tinham muita vaidade»¹.

Aliás, o tenente Raposo não pode deixar de realçar, logo no início do seu depoimento:

– «Como é que os fuzileiros apareceram no leste de Angola, onde não há mar, mas rios? Julgo que foi uma questão política. Isto é, a Marinha não estava a participar nada na guerra e não tinha os seus heróis, nem recebia condecorações no 10 de Junho. Então houve necessidade de mandar para o leste forças de fuzileiros especiais – os boinas pretas –, para intervir e fazer operações como as outras tropas. Os fuzileiros tinham um treino super especial e uma instrução muito longa»¹.

¹ (excertos do seu depoimento, concedido em 28Dez1994 para a “Guerra de África” (coord. Freire Antunes); naquela data, era formador de técnicos desportivos da Federação Portuguesa de Natação);

² (refere-se à CCmds2042, que no dia 15Nov1973 sofreu 5 – e não 9 – mortos em combate, e 15 feridos graves e ligeiros)